

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo

Class.: 218

Data 25 de Junho de 1977

Pg.: _____

“Os missionários ainda têm face colonialista”

FERNANDO FOCH
Enviado Especial

MANAUS — A Igreja missionária, particularmente a que atua sobre comunidades indígenas, ainda se apresenta com uma face colonialista, desenvolve uma pastoral descoordenada e paternalista e conta com missionários despreparados, sem conhecimentos suficientes de antropologia, Sociologia, Economia e Pastoral.

Esta autocritica foi feita pelos participantes do I Encontro de Pastoral Indígena Panamazônico, que termina hoje em Manaus, traçando os planos de uma pastoral comum ao Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia, Equador e Venezuela, e reconhecendo a formação de uma Igreja que defenda, basicamente, os direitos humanos do índio.

Além das falhas comuns da Igreja dos países amazônicos, o encontro chegou à enumeração dos pontos comuns que a caracterizam. Concluíram que é a mesma a problemática “em todos os países amazônicos, a marginalização sociopolítica por parte da sociedade envolvente e vitalidade profunda nas diversas culturas, capacidade de autodeterminação e sentido profundo de povo”. A falta de leis que protejam efetivamente as minorias étnicas foi notada, mas incluída entre as falhas.

Também ficou claro que “de fato subsistem e se encontram três linhas básicas” entre missionários: “Linha tradicionalista-sacramentalista-doutrinária, linha desenvolvimentista-paternalista, linha encarnacionista-liberadora”. Esta última corresponde aos setores liberais e renovadores da Igreja. E a nova pastoral indígena panamazônica deverá estar abrigada nessa corrente.

Em verdade, a Igreja nos países amazônicos já estaria apresentando uma tendência irreversível para esse rumo, o que inclui a inclinação de formação de “uma Igreja autóctone” — o que pode ser, segundo documentos de estudo, “um novo modelo de Igreja realizado a partir das diversas culturas, suas aspirações e manifestações de valores subjacentes”, além de “formação de comunidades cristãs autóctones com seus respectivos líderes nativos”.

Para a aceleração desse processo é que se vai elaborar a pastoral, além de pedir mais coordenação missionária

em níveis local, regional, nacional e internacional. A propósito, o encontro denunciou, pelo menos instintivamente, um certo imobilismo das conferências episcopais às quais será pedido incentivo e intercâmbio mútuo.

A nova pastoral — sem dúvida uma conquista de liberais e renovadores, segundo observadores do Encontro — visa ser a ação mais concreta no sentido de se facilitar o desenvolvimento de um processo que poderá mudar a face da Igreja Missionária, tirando-se definitivamente o caráter alienígena que possui, pelo menos em suas origens.

As linhas mestras dessa pastoral estão sendo traçadas desde a manhã de ontem e têm de estar prontas hoje. O trabalho obedece a um enunciado de 22 pontos, o primediro dos quais perguntando: “Vamos aceitar o destino inexorável das tradições políticas do branco?” A resposta, de acordo com o que se poderia depreender, não será positiva.

Outro tópico importante seria aquele que descreve “um grande problema: o enfrentamento atual da política desenvolvimentista nos governos com a identidade das culturas autóctones e suas exigências.” Há, ainda, a formulação que se espera partir de “um desafio: a Igreja deve optar pelos mais pobres — uma opção preferencial, não exclusiva.” A pastoral deve, também, fazer com que, “frente ao perigo de tantos etnocídios e genocídios, a Igreja questione sua caridade cristã. Usa-se todos os meios e urgências possíveis para promover e defender o indígena.”

Tenta-se estabelecer conteúdo prático, também, a certas constatações, como a de que “a Igreja deve favorecer as confederações políticas, pressionando os governos que não respeitem as culturas.” Ou, ainda, de que a Amazônia é uma única realidade, o que recomendaria ação unilateral.

Os participantes do Encontro também trabalham sobre questões cujas respostas objetivam contornar a eventual oposição de governos e até mesmo de dirigentes missionários a essa pastoral: “Que atitude tomar frente à violação dos direitos humanos de indígenas e missionários por parte de estruturas impostas? Que atitude deve adotar o missionário quando os dirigentes de pastoral impedem um trabalho na linha assinalada?”